

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº19 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2001
VOLUME II

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

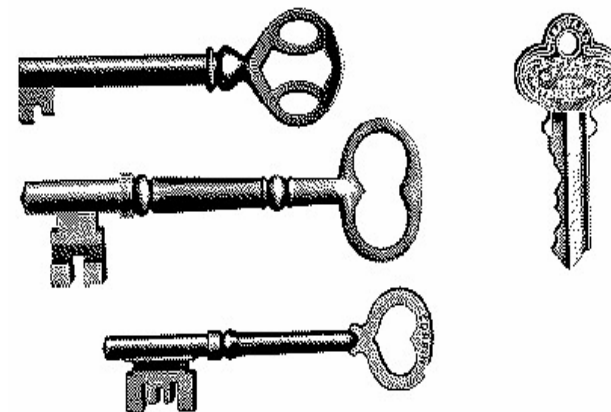
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

19



A QUESTÃO DOS DISCURSOS HEGEMÔNICOS

VALDEMIR MIOTELLO



Valdemir Miotello

Professor de Filosofia

miotello@unir.br

A QUESTÃO DOS DISCURSOS HEGEMÔNICOS

1 - Vamos procurar olhar, nesse pequeno artigo, a questão da constituição do sujeito dentro de um mundo absolutamente em renovação. Olhando a situação apresentada socialmente, a forma como a sociedade se organiza e a estrutura que ela mantém, vemos que há por trás um *discurso explicador*, que vem pelas informações trazidas do passado, transportadas pelo baú da história e das interações havidas; por outro lado, há em perspectiva de jogo social e interativo um *discurso formador* que toma como parâmetro o futuro, o por-vir, os projetos de ser. Na prática discursiva social parece que se produz uma inversão para a produção de novos sentidos: os discursos formadores, que olham para o futuro, tomam como base os *mitos explicadores*, que buscam deixar claro onde se quer chegar; já os *discursos explicadores* tomam como base os *mitos formadores*, que buscam afirmar de onde estamos vindo e por que somos do jeito que somos. Vejamos na prática da bibliografia: Para entender os *mitos formadores* (que são os produtores dos discursos explicadores de nossa situação atual) se deve ler Gilberto Freyre (Casa Grande & Senzala), Marilena Chauí (Mitos Formadores), Dante M. Leite (Caráter Nacional), Raimundo Faoro (Os donos do Poder), Darcy Ribeiro (O Processo Civilizatório) e Sérgio Buarque de Holanda (Visões do Paraíso), entre outros, e buscar as raízes de nossa brasilidade (mito das raças, povo católico, paraíso terrestre, gente pacífica, pessoas alegres); já para entender os *mitos explicadores* (que são os produtores dos discursos formadores de nosso futuro a ser construído) precisamos buscar em cada tempo as projeções discursivas (Brasil, país do futuro; A nação rumo ao Primeiro Mundo; País verde).

2 - Vamos tomar a reflexão por outra ponta: Na história alguns discursos hegemônicos foram produzidos; Aqui é bom pensar em algumas características marcantes desses discursos: i) a fala vem sempre do setor dominante, incluído; ii) esta fala inclui no discurso os excluídos, falando por eles e falando para eles; iii) aparentemente também há um lugar de inclusão dos discursos dos excluídos nesse discurso hegemônico; iv) esse discurso, por ser discurso absolutamente ideológico, esconde mais que revela; v) o discurso é intermediação mais eficaz que as armas para garantir subalternização.

a) **Discurso católico na Idade Média**; esse discurso igualava a todos pela filiação ao mesmo Pai, pela existência da alma, pela possibilidade do pecado; exigia de todos orações, sacrifícios e penitências e cobrava de todos uma vida de privações; o que ficava apagado nesse discurso era o mundo real, a vida mesma, o sentido corporal (que até devia ser negado, rejeitado, castigado, por ser o reino e de posse do demônio); dessa forma garantia-se um sentido celestial para as diferenças terrestres (criou-se o purgatório para ampliar as possibilidades de igualdade na outra vida);

- b) **Discurso do Estado** nos séc. XVII e XVIII; aqui a discursão da igualdade passa pela cidadania, pela afirmação de que todos são iguais perante a lei; de que não se fará lei para prejudicar alguém por crimes anteriores; além disso todos são sujeitos de direitos e deveres; cria-se a sociedade pelo pacto social (contratualismo hobbesiano ou rousseauiano); apaga-se, no entanto o sujeito, e se garante um assemelhamento legal (do cidadão) para as diferenças reais de vida, protegendo-se o patrimônio (dos que têm bens);
- c) **Discurso Industrial** no século XIX; nesse discurso a igualdade se desloca para o mundo do trabalho (vagabundo e miserável é quem não trabalha); as chances de todos para obter bens estão postas no trabalho; as oportunidades estão aí (se alguns conseguem, todos podem conseguir); nesse discurso apaga-se a diferença, apagando-se a propriedade dos bens de produção por um lado, e apagando-se a exploração do trabalho, por outro;
- d) **Discurso do Mercado** no século XX; aqui se prega a igualdade pelo consumo (os bens estão na vitrine para quem quiser [mesmo que não possa] consumir; apresentam-se índices gerais de melhoria de qualidade de vida (acesso a bens coletivos); mas esse discurso apaga o próprio consumo e o lucro proveniente do consumo dirigido, e as diferenças ficam por conta das necessidades individuais);
- e) **Discurso da Tecnologia** na última década do século XX; esse discurso se apresenta com uma diferença fundamental na produção da hegemonia: não há necessidade de se produzir hegemonia; e isso porque não há necessidade de se incluir o excluído e o exército de reserva é absolutamente desnecessário; o que se precisa aqui é do "funcionário criativo"; o trabalho intelectual criativo ganha status; vale o saber criativo; logo a criatividade tem que ser apagada, já que é ela que produz lucro; as diferenças tem o sentido garantido no uso (cada um usa de forma diferente a tecnologia posta à disposição).

3 - No entanto circulam nesse período de discursos hegemônicos **outros discursos**, que se apresentam como contrapalavras ativas e responsivas:

- a) **Contrapalavra ao discurso religioso**: discurso e postura de São Francisco e de outras ordens religiosas; Igreja que se coloca ao lado dos pobres e oprimidos; hereges, bruxos, alquimistas; ignorantes religiosos; não-praticantes; Reforma Protestante;
- b) **Contrapalavra ao discurso hegemônico do Estado**: Rousseau e a manutenção do sujeito bom e autônomo perante o Estado (direito de Resistência); Marx e o fim do Estado enquanto *constructo* e propriedade burguesa, passando pela ditadura do proletariado; Freud e o inconsciente, botando a Razão (enquanto racionalidade ocidental) de molho; Guerras, ditaduras; ação sindical; partidos comunistas;
- c) **Contrapalavra ao discurso hegemônico do industrialismo**: o marxismo e a denúncia da exploração da mais-valia; os movimentos de luta pela terra; os trabalhadores se organizando em sindicatos; a ciência não dando conta de resolver problemas centrais;
- d) **Contrapalavra ao discurso hegemônico do Mercado**: grupos de não-consumo; estímulo à poupança; aquisição de bens duráveis; luta entre Estado e Mercado na sua regulamentação; Estados preocupados com capitais voláteis; regulamentação de remessa de dinheiro ao exterior;
- e) **Contrapalavra ao discurso não-hegemônico da tecnologia**: apelo ao escancaramento das mazelas sociais (fome, moradia, saúde, educação, pobreza em geral); luta pelo perdão das dívidas dos países do III Mundo; ataques ao FMI, Banco Mundial; países falidos; desemprego;

f) **Contrapalavra geral e universal:** “E nós?”, gritam todos os excluídos da história inteira; os gritos dos que não trabalham; dos que não consomem; dos que não detém o saber; dos que são escravos; dos que não são gente; “Quem é o dono do Poder? a quem ele serve?” perguntam todos os que se acham fora do alcance de sua ação; “A tecnologia em ação na atualidade produz o quê, e produz para quem?”, perguntam todos hoje.

4 - Será isso o fim da história, como quer afirmar Fukuyama? De verdade, se a luta de classes é o motor da história, então o fim das classes sociais (patrões e operários) poderia representar também o fim da história; afinal, hoje o que domina é o Mercado, o Consumo, e não mais a produção. Logo, devemos olhar hoje quem está dentro do mercado (os incluídos) e os que dele não participam (os excluídos). Os que estão dentro do mercado se dividem entre os que têm bens a oferecer ao consumo (vendedores/ou tecnólogos criativos) e os que adquirem bens pelo consumo (consumidores). Os excluídos estão absolutamente fora desse jogo.

1. Há **grupos de incluídos privilegiados** nesse jogo:

- a) os que acumularam fortunas financeiras com o desenvolvimento do industrialismo;
- b) os que conseguiram pelo trabalho acumular poupança ou plano de previdência público ou privado;
- c) os que detém o saber criativo;
- d) os que foram constituídos como empreendedores (e não como empregados, serviçais, ocupantes de vagas de trabalho);
- e) os que criativamente cruzam equipamentos (não importa quais, de que onda civilizatória) com tecnologia, e com isso elaboram novas funções para tais equipamentos com novos programas tecnológicos;
- f) os info-ricos, que detém o uso tecnológico, em oposição aos info-pobres que não possuem e nem usam equipamentos com tecnologia;

5 - Ainda divagando, agora com arcabouço de Bakhtin. Considerando: a) a situação de rigidez política e de hegemonia política na Rússia de então; b) a homogeneização do discurso e seu controle; c) a forte intervenção estatal sobre as ações individuais dos sujeitos... O que Bakhtin buscava conseguir ao trabalhar com sua proposta de sujeito e de linguagem? e porquê e que uso faz da consciência (como em-si; como trabalhada pelo social; como EU pelo OUTRO)? que oposição ele buscava construir? Era de anti-hegemonia? Ou buscava emergir com nova postura política de dentro da hegemonia instalada? Isso é: **Diante de sistemas hegemônicos – e a preocupação bakhtiniana, e também a minha, é a hegemonia social presente na linguagem - que alternativa Bakhtin propõe e qual alternativa nós estamos propondo?**

- a) A hegemonia da classe dominante é produzida, aparece e se mantém duradoura no/pelo discurso?
- b) Ou a hegemonia aparece nas relações sociais e produtivas, passa a ser veiculada nos mecanismos de dominação, e se reflete e se refrata na linguagem, um signo ideológico permanente e universal, dentro dos quais se trava a luta de classes?

- c) A linguagem é um mecanismo de dominação (está na super-estrutura da sociedade, como queria crer Marx?) ou apenas carrega em si a ideologia da dominação (assim como também a ideologia da libertação), de forma disfarçada, embutida, naturalizada (atravessando dessa forma toda a estrutura social, e não sendo ou estando nem na infra-estrutura e nem na super-estrutura, mas atravessando de alto a baixo toda a sociedade, e se mostrando como o mecanismo de dominação por excelência?)
- d) Se o campo da linguagem é a arena onde se trava a luta de classes, como essa luta aparece na linguagem? Como se dá o jogo entre sentido e significação, entre reconhecimento e compreensão?
- e) Como se dá o encontro entre linguagem carregando de simbologias dominadoras e consciência? Como se produz a contrapalavra do dominado? Essa, uma vez pronunciada, manifestando dessa forma que se deu alguma (pode ser a que o dominador quer e anseia) compreensão, quebra a hegemonia do discurso ideológico oficial? Ou pode alimentá-lo apenas com uma compreensão de dominação, quando o dominado introjetou dentro de si (Paulo Freire já refletiu demais sobre essa possibilidade) o mundo e a consciência do dominador?
- f) E como se dá o encontro entre o estético (jogo de palavras e de contrapalavras) e o ético (jogo das ideologias que se debatem nos acontecimentos, na vida)?

6 - Bem que poderia ser interessante poder dividir o mundo discursivamente em Grandes Hegemonias, à maneira que Toffler e Ribeiro fazem com as sociedades: a) **Hegemonia do Discurso Mítico**, que dominou todo o mundo agrícola, tendo sua extensão poderosa no *discurso religioso*; b) **Hegemonia do Discurso Racionalista**, com extensão sofisticada no *discurso empirista e científico*, que dominou todo o mundo Industrial, que se deu com extensão também poderosa no *discurso do Estado* e no *discurso do Mercado*; c) **Hegemonia do Discurso Tecnológico**, que se estende no *discurso da globalização* e que domina todo o atual período da Revolução Digital, carregando consigo o sofisticado e atual *discurso ecológico*. Seria muito produtivo para a análise se fosse possível identificar na história essas três Hegemonias discursivas, estabelecidas e fundadas em imperativos ideológicos que forjaram sujeitos construtores de sociedades e de tecnologias, e estabelecendo entre si relações sociais distintas.

O professor Plínio Soares de Arruda Sampaio, na Folha em 30 de Abril de 2000, na seção Debates, escrevendo sob o título "Dependência e Barbárie", afirma que "*A especificidade desse novo ciclo de modernização dos padrões de consumo (que introduz o país no universo do computador pessoal, do telefone celular e do automóvel computadorizado), em contraste com tantos outros que marcaram a história brasileira, é a sua incompatibilidade com a continuidade dos processos responsáveis pela formação da nação*". Quebrados os processos de formação da nação, quebrados também estarão os processos de formação dos sujeitos que interagem no espaço e no tempo dessa mesma nação.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

A POÉTICA DOS ESQUECIDOS

MIRIAM GUSMÃO

Imprensa livre

RESUMO: Este trabalho leva em conta diversos grupos do sul do Brasil, migrantes italianos, alemães, e negros, pessoas que testemunharam antigas atividades braçais e recordaram antigas canções da lavoura. Há um capítulo inteiro dedicado a re-feitura da história do Brasil na ótica desses grupos; que combinam história oral, música, diários, admitindo múltiplas poéticas que se pautam pela democratização, defesa e humanização da cultura popular.

SUMÁRIO: Poesia em situação; Por uma teoria da poesia plural; Impressões digitais da poesia; Poesia dos Filhos da Terra; Cantigas de Olarai; Todas as cores das canções; O cantar dos imigrantes; Verso, canto e erva-mate; Poesia na estrada; Arte pinga-pinga; As lavadeiras cantam; Cantar sob mau tempo; Canções em movimento.

Áreas de interesse: Letras, História, Música, Literatura, Linguística.

Palavras-chave: música, poesia, literatura, oralidade.

